

# Entrevista



# “A base da Economia Solidária é a valorização da pessoa. O trabalhador em primeiro lugar”

Leila Andresia Severo Martins

*Psicóloga e mestre em Educação e Cultura, **Leila Andresia Severo Martins** atua há mais de 15 anos como professora universitária, ministrando aulas nos cursos de direito, administração e gestão de recursos humanos na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Desde 2007, atua no acompanhamento e gestão de empreendimentos voltados à Economia Solidária. “Diferentemente de outras formas, que se limitam a um processo puramente de comercialização, a Economia Solidária tem a ideia de construir um novo jeito de se lidar com as relações de trabalho”, afirma. Para ela, além de promover esse novo jeito, a Economia Solidária busca conscientizar não apenas quem produz, mas também quem compra a valorizar o trabalho daqueles que buscam uma relação trabalho mais centrada nas pessoas, e não somente nos produtos.*

***Caminho Aberto*** **A Economia Solidária é um conceito relativamente novo (no Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre/RS, em 2001, foi formado o primeiro Grupo de Trabalho sobre o tema, oficializando o nascimento do movimento no país). Em linhas gerais, como você define Economia Solidária?**

***Leila Andresia Severo Martins*** A Economia Solidária é um conjunto de atividades ou práticas desenvolvidas com o cunho de geração de trabalho e renda. A sua especificidade é que ela é organizada pela autogestão. Não existe a relação com as figuras do patrão e do empregado, é um trabalho realizado coletivamente e o processo decisório também é democrático e participativo, portanto, coletivo. As pessoas se juntam para realizar alguma atividade, que pode ser produzir alguma coisa ou prestar um serviço, ou ainda clubes de trocas e locais de finanças solidárias e redes cooperativas. Dentre as próprias cooperativas e associações têm algumas que se configuram dentro desta linha da Economia Solidária.

***Caminho Aberto*** **Então a Economia Solidária é uma forma de cooperativismo, mas nem todo cooperativismo segue os conceitos da Economia Solidária?**

***Leila Andresia Severo Martins*** Acredito que sim. Existem algumas cooperativas que são de fachada, que se aproveitam de questão financeira, de usufruir de menos impostos e assim se denominam como cooperativas. Mas, na verdade, funcionam como uma empresa. Dentre

os princípios da economia solidária nós temos a cooperação, a solidariedade, a autogestão e a viabilidade econômica. Então essa relação de cooperativismo está presente na Economia Solidária, pois é uma relação de autoajuda em sentido mais amplo mesmo. O relacionamento entre as pessoas extrapola o sentido do trabalho, pois na Economia Solidária em vez de priorizar o lucro, como é feito nas empresas, se prioriza as pessoas.

***Caminho Aberto Os empreendimentos não visam o lucro, mas o lucro não é visto com maus olhos...***

***Leila Andresia Severo Martins*** Por isso que chamamos de viabilidade econômica. Como gera trabalho e renda, as pessoas precisam sobreviver a partir desse “negócio”, deste trabalho. A palavra lucro não é presente na Economia Solidária. Se o empreendimento consegue um faturamento, se pagam as contas, se divide a renda e ainda tem sobra aí em conjunto, nos Fóruns e Associações, se decide se reinveste na atividade, ou o que mais será feito. Mas tem que ter essa preocupação sim com a viabilidade econômica, ou negócio acaba não tendo sentido. E muitos empreendimentos acabam não superando essa barreira.

***Caminho Aberto Por uma questão ideológica?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Não por isso. Pela dificuldade mesmo de implementar esse negócio. Existe um mercado que está aí, vendendo produtos similares e que são feitos muitas vezes com preços muito mais baratos pelas condições de fabricação. Aí entra o conceito de Economia Solidária. Você pode encontrar o mesmo produto numa loja convencional, só que aquele que você compra nas feiras tem um diferencial. Ele tem esse conceito, é produzido coletivamente e traz a renda para algumas famílias. E temos muitas que são sustentadas pela economia solidária, seja pelo artesanato, a agricultura, que é muito forte, principalmente nos produtos orgânicos.

***Caminho Aberto A Economia Solidária está relacionada muitas vezes às feiras e ao artesanato. Mas também podemos encontrá-la na prestação de serviços. Nós tivemos no Câmpus Continente do IFSC uma experiência de sucesso com alunos do curso de guias de turismo. Essa área também é bastante explorada, certo?***

***Leila Andresia Severo Martins*** A prestação de serviço tem grupos fortes. São cooperativas de taxi e transporte em geral, construção civil, no Cepesi (Centro Público de Economia Solidária de Itajaí) tem na área da saúde, priorizando uma linha mais natural, mais holística, sem a medicação química ou pelo menos tentando evitá-la. Lá também tem salão de beleza. Enfim, onde houver geração de emprego e renda e atenda aos conceitos e diretrizes da Economia Solidária, pode ser o serviço que for. O Cepesi é um espaço no Centro da cidade, um ponto fixo de comercialização, que tem espaço para vários serviços como salão de beleza, brechó, costura, alimentação e etc.

***Caminho Aberto Seria Semelhante ao box do Mercado Público de Florianópolis, que o Fórum Municipal de Economia Solidária ganhou?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Sim, é semelhante. Só que o box é bem pequeno em relação ao Cepesi. Em Itajaí tem auditório, espaço para reuniões, é um prédio mesmo. Em Florianópolis é uma loja, espaço de comércio de alguns produtos. Ele surgiu de uma parceria entre a Superintendência Regional de Trabalho e Emprego e a Prefeitura de Florianópolis por meio do IGEOF (Instituto de Geração de Oportunidades de Florianópolis). O IGEOF conheceu o trabalho da Economia Solidária e assim formou-se essa parceria para ceder por um tempo esse box até os empreendimentos do fórum se constituírem juridicamente. Depois veremos o que será feito, por enquanto a cessão é por um período de seis meses. O grupo está pensando em se formalizar, constituir uma associação dos empreendimentos que compõem o fórum.

***Caminho Aberto Os Fóruns são as vias oficiais do movimento, então?***

**Leila Andresia Severo Martins** O Fórum é um espaço de organização do movimento da Economia Solidária. Tem os municipais, regionais, estaduais e nacionais. Há um outro caminho de organização que aí sim é a via oficial do Estado, que é por meio da Superintendência do Trabalho e Emprego. Essa prática ainda é complicada. Onde há pessoas, há conflito. Se o grupo decide mesmo sabendo que é diferente da tua forma de pensar, mas a decisão é soberana, isso é um exercício educativo. E mesmo se vai dar errado, tem que deixar, para que aprendam com os erros. Respeitar o coletivo não é tarefa fácil.

***Caminho Aberto Tem um projeto tramitando na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc), de autoria da deputada Luciane Carminatti, que é a presidente da Frente Parlamentar de Economia Solidária, que institui a Política de Fomento à Economia Solidária no Estado. Qual a expectativa do Fórum para a aprovação dessa lei?***

**Leila Andresia Severo Martins** A expectativa é dar continuidade na tramitação, inclusive temos algumas ações já previstas para o período posterior às eleições. A ideia é que isso possa fortalecer o movimento da Economia Solidária, especialmente em nível estadual. O cenário atual é de quem divide um conselho estadual junto com o segmento do artesanato, que embora nós tenhamos alguns pontos de aproximação, nós também temos especificidades. Então a ideia de ter uma lei específica e assim pleitear outras conquistas junto ao Estado como um todo. Em especial às áreas de investimento, busca e estabilização de políticas públicas, enfim, compor um marco legal para poder trilhar um caminho de acordo com as nossas diretrizes. Ainda tem alguns pontos de conflito, mas é uma luta que tem que ser traçada. Por que é a forma de conseguirmos avançar nesse sentido de colaboração econômica e temos uma comunidade que precisa de muito apoio nesse sentido.

***Caminho Aberto Como os empreendimentos de Economia Solidária recebem as questões de modernização de sua relação comercial? Geralmente são resistentes às tecnologias, a expandir os seus negócios?***

**Anderson Giovani Silva** Não, de maneira nenhuma. Inclusive uma outra área de prestação de serviço é a área da informática e de tecnologias de maneira geral (startups). Os grupos de empreendimentos recebem bem. Nos processos e oficinas de capacitação sempre há essa perspectiva, inclusive por solicitação dos próprios produtores. Alguns já com um pouco mais de manejo com os aparelhos, mas mesmo aqueles que não têm muito acesso são abertos a buscar esse conhecimento, o que é uma característica da própria Economia Solidária, que une pessoas que estão abertas à construção. A nossa cultura tradicional é desse sistema capitalista que nós vivemos, com uma relação de trabalho hierárquica onde o patrão manda e o empregado obedece, é a lógica do capital que prevalece. E essa outra lógica que nós buscamos vem como algo novo, então tudo tem que ser aprendido, inclusive quanto ao uso da tecnologia.

***Caminho Aberto Isso não pode gerar um choque com as diretrizes, uma vez que o empreendimento pode colocar uma loja virtual e com isso aumentar o número de pedidos e assim aumentando a procura, e gerando um lucro excessivo?***

**Leila Andresia Severo Martins** A lógica é de que sempre haverá o coletivo. Se no entendimento do grupo ele consegue a partir de uma loja virtual crescer, dentro da ideia da Economia Solidária ele vai trazer outros empreendimentos com ele. Não posso te garantir que isso vai acontecer 100%, mas essa é a ideia, de crescer junto com outras pessoas. Como na economia solidária há esse respeito à coletividade, sabemos que quem chega não é um indivíduo sozinho. Mesmo no artesanato, por exemplo, a pessoa produz porque é a especificidade do segmento, é um momento de criação, seja do bordado, da cerâmica e etc, e está mais contida em si mesmo. Mas o processo de organização e comercialização é um processo coletivo. Nesse sentido o pensamento deixa de ser individual para ser compartilhado. Novamente é um processo de aprendizagem, pois nós aprendemos outra coisa desde pequenos. O conceito, então, é passar por um processo de desconstrução para posterior construção, e por vezes vamos enfrentar situações de conflito. E a lógica é que esses conflitos sejam decididos em grupo.

IFSC promove feira de economia solidária durante seus eventos institucionais, como SEPEI



**Caminho Aberto** *Vê-se normalmente a Economia Solidária ligada às mulheres, inclusive no IFSC há programas específicos de geração de emprego e renda (Mulheres Sim e Mulheres Mil). Por que isso?*

**Leila Andresia Severo Martins** Vejo que essa é uma percepção mais local, na região do Litoral Catarinense. Acompanho dois fóruns regionais mais de perto (Itajaí e Florianópolis) e neles eu vejo mais mulheres mesmo. Mas se pegar os dados da economia solidária no país, a maioria são homens. Existe uma distribuição diferente entre as regiões. Aqui é mais a perspectiva da mulher porque ela vem em muitas vezes numa ideia de complementação de renda ou emancipação. Ela é casada, não estudou, sempre cuidou da casa, dos filhos, do marido, e chega uma hora da vida em que ela aprendeu a fazer alguma coisa (manual) e isso gera uma renda extra.

**Caminho Aberto** *Nesse contexto esses programas que o IFSC executa são ferramentas importantes nesse trabalho?*

**Leila Andresia Severo Martins** Sem dúvida. O processo educativo na Economia Solidária não se resume à gestão do empreendimento, e nós o chamamos assim porque ele tem essas características diferentes de uma empresa. E ele é mais longo porque tem um aspecto pessoal, social, cultural que a pessoa vai adquirindo. E a mulher já carrega um histórico de luta pelos seus direitos. E nesse aspecto de busca pela cidadania e pela emancipação acaba se aproximando mais dos conceitos e diretrizes da Economia Solidária.

**Caminho Aberto** *Em muitas universidades há a presença das ITCP (Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares). Você vê a presença das entidades como um caminho para aproximação da academia com a Economia Solidária?*

**Leila Andresia Severo Martins** As ITCPs surgem e trabalham como programas ou projetos de extensão de universidades ou editais externos, e a ideia é ser articulação do tripé ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido o propósito da incubadora é justamente o processo de incubar, acompanhar e assessorar os empreendimentos que veem nessa perspectiva coletiva uma possibilidade de enfrentamento para a crise das relações de trabalho. Aqui no Brasil essa crise cresceu no final da década de 90, quando o contexto era justamente o de globalização, demissões em massa, e teve como resultado um processo grande de quebra de relações de trabalho, onde houve uma inclinação a trabalhos temporários, informais, e nesse cenário é que surge a economia solidária. As ITCPs ajudam na autogestão, principalmente na formação, e no apoio em questões básicas como qualificar o produto para venda, fazer a gestão jurídica, contábil, financeira, precificar o produto. Além disso, colocar esse empreendimento em rede com os outros, para incentivar não só o comércio, como também, o consumo solidário.

***Caminho Aberto*** ***Geralmente se vê a Economia Solidária pelo viés do produtor ou prestador de serviço. Como é essa relação com o consumidor?***

***Anderson Giovani Silva*** A Economia Solidária, para se concretizar, precisa fechar esse ciclo, que vai desde o produtor ao consumidor. Uma de suas diretrizes é estimular também o consumo solidário, a comprar daquele que compactua com essa ideologia. É assustador o número e o efeito dos agrotóxicos, para ficarmos só no exemplo da agricultura, e é algo que as pessoas muitas vezes não se dão conta do quanto isso é avassalador e isso fica na água, fica na terra e prejudica as próximas colheitas. E você fazendo uso desses alimentos está fomentando aquele tipo de produção. Então a Economia Solidária procura o esclarecimento até chegar na conscientização de que aquele produto não deve ser comprado, e sim um que seja produzido de forma saudável e sustentável para alimentar esse mercado consumidor. Está tudo muito junto, tanto o lado do vendedor quanto do comprador.

***Caminho Aberto*** ***E fica difícil entrar nesse mercado?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Sim, pois são grandes grupos corporativos. São empresas que tem um poder aquisitivo muito grande. Essa lógica da Economia Solidária tem no seu bojo tentar romper com essa ideia. Claro que ainda é uma sementinha, mas não pode dizer que deve ser ignorada ou que não tem nada sendo feito. No último levantamento feito foi verificado que só em Santa Catarina já são mais de 20 mil empreendimentos econômicos solidários. Além disso, há também os empreendimentos de compras coletivas. Eles são grupos que se organizam para buscar produtos orgânicos, saudáveis, que estão longe e assim conseguem um melhor preço.

***Caminho Aberto*** ***E qual a principal dificuldade da autogestão dos empreendimentos?***

***Leila Andresia Severo Martins*** No meu entendimento é romper com o jeito de pensar capitalista. É preciso desconstruir esse modo e construir um novo. Só que a gente não sabe muito bem como que ele é, como isso acontece. Sabemos enquanto discurso, mas na prática das relações entre as pessoas isso ainda é um confronto, pois estamos acostumados a que alguém diga o que vamos fazer, e o jeito que vamos fazer, nem que seja um agente invisível, como o mercado. A nossa vida passa por isso, nós elegemos um representante e ele vai fazendo as coisas do jeito que ele pensa, nós delegamos a ele e deixamos assim, essa é a tônica no Brasil. Romper com isso e assumir com as próprias mãos, avaliar os erros, os acertos e os caminhos que se quer buscar é um enfrentamento e uma resistência.

***Caminho Aberto*** ***A resistência é uma visão muito anticapitalista?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Do grupo que eu conheço a dificuldade maior é em responder a pergunta “como nós vamos fazer diferente?”. É difícil enfrentar o mercado, pois a sociedade é a mesma, a clientela é a mesma. Então como que colocamos esse produto no mercado, competindo com os outros e com o nosso jeito. Inclusive faz parte do processo de construir o consumo solidário. Eu sei que dentro de uma feira orgânica eu estou lidando e ajudando grupos familiares que trabalham numa ideia mais saudável que outros. Se eu opto por um pano de prato de artesanato da feira e não de um mercado regular eu sei que ajudo a sustentar pessoas que vivem diretamente daquele material, eu sei que ele foi produzido respeitando o meio ambiente, reaproveitando materiais e com relações de trabalho mais justas.

***Caminho Aberto*** ***Quem se interessa pelo tema e gostaria de iniciar nessa ideia da Economia Solidária, o que deve fazer?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Comece a frequentar as feiras, conheça as pessoas que a compõem, vendo os produtos ou serviços que são oferecidos. Para o produtor ou prestador de serviço, o ideal é recorrer aos fóruns. Ali ele sendo recebido é encaminhado para o que for mais acessível. Podem formar empreendimentos as pessoas que estão dispostas a formar grupos de interesses semelhantes. As pessoas são bem receptivas, pois um dos princípios da Economia Solidária é a inclusão social e produtiva. Tudo vinculado à base que é a valorização da pessoa. O trabalhador em primeiro lugar. E aí ele faz as formações para compreender de fato e se é aquilo mesmo que ele quer.

***Caminho Aberto Há papéis e funções pré-estabelecidos?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Sim, há diretoria constituída. E muitas vezes elas agem como patrões e isso é um elemento de construção. Mas não hierarquia, o peso do voto de cada um é igual e as decisões são tomadas em assembleia. Aqueles que são incubados nas ITCP nós temos a liberdade de sugerir modificações quando vemos que as diretrizes não estão sendo seguidas. E há aquelas que nós fazemos assessorias pontuais.

***Caminho Aberto Os entes públicos entram em qual contexto nessa relação?***

***Leila Andresia Severo Martins*** Seria na cessão de espaços públicos para as reuniões ou ao fomento de políticas públicas, promovendo um espaço de entreatajuda entre os segmentos.

***Entrevistador: Rafael Xavier dos Passos***